

Conto de Marcos Nicolau*

Relatos de experiências ilegais com seres humanos

Internet, 01 de março de 2015

Esse caso vem da Nova Zelândia. Mais uma impressionante descoberta sobre o uso de corpos humanos a serviço de interesses pessoais feita pelo estudante universitário Ernest Comb.

Vidas múltiplas ou cibernética clandestina

"Acomodado no balcão de um pequeno restaurante para tomar meu café da manhã, observei um sujeito da minha idade folhear uma revista modelo antigo de palavras cruzadas ao invés desses modernos *palms* com jogos digitais. Sua maneira de manusear as cruzadas pareceu-me familiar: dobrava a ponta das páginas para marcar o que já tinha feito. Era tal qual fazia um memorável amigo falecido há quatro anos num acidente automobilístico.

Em meio às lembranças, outro gesto chamou-me ainda mais a atenção. O sujeito rabiscou palavras na margem da página como que para ter certeza de que cabiam nos quadrinhos. Meu amigo fazia exatamente assim. Olhei a mesa e vi o mesmo café gelado com canudinho que ele costumava pedir. Meu coração disparou tomado por lembranças muito mais vívidas.

Sem me aperceber, aproximei-me e num impulso de curiosidade perguntei:

- Você conhecia Lamarque?

Assustei-o momentaneamente, mas com muita segurança o rapaz respondeu que nunca tinha ouvido falar naquele nome. Tinha o mesmo porte físico, a mesma estatura, mas, com certeza nenhum traço fisionômico.

- É que, seu comportamento é idêntico ao dele. Achei que pudesse tê-lo conhecido...
- insisti.

- Olha, cara, jamais ouvir falar desse nome. Quer saber mais? Vai encher o saco de outro.

Visivelmente incomodado, o sujeito recolheu as cruzadas e se retirou em direção à porta. Havia muita firmeza na resposta dele, é verdade. Porém, suas palavras aumentaram ainda mais minhas suspeitas. "Quer saber mais?" era uma expressão típica de Lamarque! Acionei meu celular que havia gravado toda conversa e feito a foto do sujeito. Ouvi a gravação duas vezes e fiquei por uns instantes meio atarantado. Levantei e fui até a porta, mas o cara já havia sumido no tumulto do trânsito. Havia coincidência demais naquela história, minha mente dizia o tempo todo. Mas, agora o sujeito sumira. Jamais o encontraria de novo a não ser por acaso.

Os avanços científicos têm permitido um sucessivo número de façanhas genéticas espetaculares nesses últimos anos: criação de corpos para oferta de transplantes múltiplos de órgãos, enxertos de órgãos artificiais para melhoria da performance das pessoas, geração de filhos com características e qualidades encomendadas geneticamente... Mas, nada se compara com o que me deparei nesses últimos dias. A idéia de que alguém poderia ter vidas passadas e consciência delas parece ser uma realidade que a genética e as neurociências já permitem, embora de forma clandestina.

À noite, fiquei me revirando na cama. E aí, lembrei que talvez pudesse rever a mãe de Lamarque. Quem sabe encontraria lá indícios de alguma coisa...

Dia seguinte à tarde, fui até o endereço. Acionei o mapa do carro que me deu duas rotas alternativas. Liguei o vídeo e vi que uma delas estava congestionada. Observei a outra rota e fui por ela. Dona Zilma recebeu-me com muita alegria e um carinhoso abraço. Conversamos muitos e quando falei de Lamarque, suas lágrimas desceram fácil - o semblante de mãe desconsolada era o mesmo de quando Lamarque morreu. Parecia que tinha sido ontem. Mas, ali não havia nenhum sinal de nada.

Minha cidade cresceu desordenadamente para cima e agora crescia desordenadamente para baixo, pelos espaços subterrâneos. Arranjos por cima de arranjos colocam os viadutos em posições que enfeiam a metrópole. Ninguém encontra ninguém perdido num lugar desses.

Era noite, eu já me recolhera ao quarto quando me lembrei da balinha de chocolate, novidade que vinha do Japão. Era uma invenção recente: chocolate capaz de produzir serotonina o suficiente para deixar alguém em estado de alegria e de ativar a memória. Aquilo me impediria de dormir logo, mas poderia reavivar lembranças do encontro com o sujeito no restaurante e despertar detalhes para novas pistas. Não sei bem o que procurava ainda, apenas não conseguia esquecer as coincidências e elas me perturbavam muito.

Quinze minutos depois eu me encontrada em estado de graça e passei a relembrar cada momento daquele encontro. No meio da sessão, surgiu o que eu precisava: Lamarque adorava jogar RPG aos sábados à tarde no Clube Shopping.

Depois de dois dias de intensa ansiedade, lá estava eu no Clube, entre uma infinidade de mesas de jogos de RPGs antigos e modernos. Jovens e adultos travavam batalhas divertidas diante de platéias excitadas que se acotovelavam em torno das mesas eletrônicas.

Durante duas horas procurei sem sucesso o cara do restaurante. Até que, numa mesa, quase no mesmo lugar de sempre, lá estava ele, jogando freneticamente RPG de cartas que Lamarque tanto gostava. Novamente meu metabolismo alterou-se: coração disparado, mãos suando e respiração ofegante. Aproximei-me e fiquei quieto para observar sem ser percebido. Incrível como tinham comportamentos parecidos. A maneira de arrumar as cartas, a estratégia de jogo e... uma preferência muito pessoal, a escolha de personagens mulherengos.

Meu nervosismo foi tão evidente que o cara notou. Levantou-se apressado e seguiu em direção à porta. Desta vez não o deixei fugir. Já fora do clube segurei-o pelo braço. A sensação estranha de segurar um estranho como se segurasse um amigo.

- Você tem explicações a me dar – disse procurando olhar nos olhos do cara. Ele evitou, queria se safar, resmungando a todo o momento. Tive que ser mais enérgico e segurei-o de frente pelos ombros, dizendo: - Só largo de você se me der as explicações que quero. Fui o melhor amigo de Lamarque, sofri muito com a perda dele e aí, aparece você, com todos os comportamentos dele... Até a maneira de se vestir. Se há algo acontecendo eu mereço saber.

- Olha, cara, eu estou noutra, esquece isso tudo...

A resposta confirmou minhas suspeitas: aquele sujeito tinha algo a ver com Lamarque. Finalmente ele me encarou e entre angustiado e temeroso disse-me.

- Eu fiquei três dias em coma, transferiram todas as minhas memórias para outro corpo criado em laboratório, cara. Sou parte de um programa confidencial, estou vivendo numa boa. Você vai querer estragar tudo?

Fiquei estarelecido, não tanto pela revelação, mas por confirmar que aquele realmente era Lamarque.

- De dois em dois anos me dão outro corpo do mesmo biotipo que o meu, cara. Em troca tenho que manter sigilo absoluto. Não posso rever ninguém, não posso voltar à vida anterior. É tudo clandestino ainda.

- Eles roubam corpos para dar a alguém? – perguntei apavorado.

- Não, não. Eles criam geneticamente corpos que nunca existiriam, retirados de um banco próprio de espermas e óvulos. Fazem-nos crescer em incubadoras, transferem nossas memórias e depois de dois meses de treinamento, somos liberados para viver nossas novas vidas.

Não sabia o que dizer, o que perguntar, estava atarantado demais.

- Olha, eu te procuro no momento certo, agora me deixa ir.

Disse isso e saiu em disparada. E somente instantes depois percebi que não peguei nada, nenhuma pista de onde encontrá-lo. Se estávamos a quatro anos do acidente de carro, Lamarque já devia estar no segundo corpo e prestes a mudar para o terceiro. Sabendo da minha procura, não me daria mais chance de encontrá-lo.”

Se você conheceu ou vivenciou alguma dessas experiências realizadas por empresas, instituições ou cientistas sem a devida autorização de órgãos governamentais, envie-nos para publicação simultânea em 52 idiomas e mais de 150 países.

***Marcos Nicolau** é professor do Curso de Comunicação Social da UFPB.